

**ESBOÇO SOBRE UMA ESCRITURA BIOGRÁFICA  
DE ANTÔNIO FERREIRA SANTOS  
A PARTIR DE UMA LEITURA DE *O CONSERVADOR***

*Ediane Brito Andrade* (UNEB)

[edianyandrade@yahoo.com.br](mailto:edianyandrade@yahoo.com.br)

*Maria da Conceição Reis Teixeira* (UNEB)

[conceicaoreis@ig.com.br](mailto:conceicaoreis@ig.com.br)

### **1. Introdução**

O trabalho filológico de resgate de textos que se encontravam relegados ao esquecimento favorece o acesso a histórias ainda não contadas, às personalidades dantes “desconhecidas”, mas que deixaram um legado às gerações futuras por meio do texto escrito. Segundo Auerbach (1972, p. 11), “[...] a filologia é o conjunto das atividades que se ocupam metodicamente da linguagem do Homem e das obras de arte escritas nessa linguagem”. Assim sendo, pode-se afirmar que, através da recuperação do patrimônio escritural de um povo, aplicando-lhes os procedimentos da filologia, recupera-se também sua história, sua cultura.

Nesta perspectiva, a filologia e a literatura mantêm entre si uma relação intrínseca. Enquanto aquela busca restituir o texto à sua forma genuína, livrando-o das modificações e danos sofridos no decorrer do tempo e disponibilizando-o ao público leitor, esta procura explicá-lo, depreender seu(s) sentido(s). Por conseguinte, “[...] a filologia não subsiste se não existe o texto (pois é o texto a sua razão de ser) [...]” (SPINA, 1977, p. 75). Do mesmo modo, é com a literatura, e o texto é, ao mesmo tempo, seu produto e objeto de análise.

A linguagem literária é uma linguagem específica, por meio da qual a realidade ganha nuances diferenciadas, sentidos múltiplos. Na escrita biográfica, sobretudo, a vida é representada de maneira muito peculiar, uma vez que se propõe a narrar o *real* vivido. Por meio de traços específicos, o autor que se narra busca mostrar parcelas de sua vida, já que a completude da mesma não permite uma apreensão total do que se viveu.

As buscas empreendidas no periódico baiano *O Conservador*, em função do trabalho desenvolvido com o projeto de pesquisa intitulado *Edição e estudos de textos literários e não literários publicados em periódicos baianos*, coordenado pela professora doutora Maria da Conceição

Reis Teixeira, possibilitaram o acesso a textos literários do escritor baiano Antônio Ferreira Santos, cuja obra encontra-se dispersa. No presente texto, objetiva-se discorrer sobre o caráter autobiográfico do referido autor a partir da leitura de algumas de suas produções resgatadas no periódico em questão.

## **2. *O trabalho de resgate dos textos no O Conservador***

O projeto de pesquisa *Edição e estudo de textos literários e não literários publicados em periódicos baianos* tem como uma de suas vertentes a recuperação de obras literárias dispersas em periódicos, cujos autores, muitas vezes, são ainda “desconhecidos” por não figurarem em compêndios literários. Com o trabalho desenvolvido procura-se recuperar a memória da época em que estes textos foram produzidos, assim como a mentalidade vigente na sociedade. Além disso, pretende-se contribuir para o preenchimento de lacunas na historiografia literária baiana.

O primeiro passo dado no sentido de resgatar os textos do periódico *O Conservador* foi localizá-lo nos acervos baianos. Os exemplares do *O Conservador* foram localizados no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e na Biblioteca Pública do Estado da Bahia, no Setor de Periódicos Raros. Logo em seguida, procedeu-se o processo de digitalização por meio da fotografia digital e posterior transcrição dos mesmos.

Dentre os escritores que veicularam suas obras nesse periódico destaca-se Antônio Ferreira Santos, objeto de estudo deste trabalho. Foram resgatados vinte textos deste escritor, textos estes que revelam aspectos da época e da cidade em que o escritor viveu – Nazaré – BA.

## **3. *Breves considerações sobre a vida e as obras de Antônio Ferreira Santos***

Antônio Ferreira Santos nasceu em Maceió – AL, em 19 de fevereiro de 1894 e mudou-se para Nazaré – BA, com sua mãe e irmãos, aos nove anos, logo após a morte de seu pai. Formou-se em direito pela Faculdade de Direito da Bahia em 1918. Colaborou com o jornal *O Conservador* desde sua fundação em 1912, tanto com publicação de artigos críticos, quanto com publicações literárias. Esse periódico funcionou como *loco* ideal para veiculações de suas obras, dada à escassez de editoras interessadas em publicar.

Apesar das dificuldades enfrentadas, Ferreira Santos conseguiu publicar três livros, a saber: *O meu calvário*, *De um pessimista e Riscos e rabiscos*. O primeiro e o último são coletâneas de poemas e o segundo, em prosa, trata de várias questões concernentes às mulheres. Destes, até o momento, localizou-se apenas o primeiro no acervo particular do professor Lamartine Augusto (coleccionador de obras de escritores baianos, sobretudo dos filhos, naturais ou adotivos, de Nazaré – BA).

Outras obras suas foram localizadas e resgatadas no periódico *O Conservador*, o qual destinava um espaço às produções literárias dos baianos. Os já resgatados compreendem um total de vinte e um textos – *Namorados*, *Da vida*, *A vida*, *Mulheres*, *Os improvisos*, *Faulhas*, *Recordações*, *Isabel Rivera*, *Idéia e força*, *À margem da philosophia* (prosa); *Quadros*, *Trovas*, *No calvário*, *Villancetes*, *De antanho*, *O canto da cigarra*, *A dor do só*, *A dor da vida*, *A dor da velhice* (verso); *Letras*, *Pólicia literária* (crítica literária) – os quais permitem inferir o caráter autobiográfico das suas obras.

### 3.1. A escrita biográfica de Ferreira Santos

A bio-grafia (vida grafada), segundo Hoisel (2006), consiste numa retomada dos acontecimentos vividos pelo homem ao longo do tempo, por meio da qual os mesmos são resignificados. As memórias constituem, portanto, uma forma de tornar o passado presente, por meio das lembranças, dos sentimentos e das sensações outrora vivenciadas. Todavia, ninguém vive a mesma coisa duas vezes: as circunstâncias e os sentimentos são outros, modificados pelo tempo. Por conseguinte, o *eu* “[...] revive sua história ao escrevê-la” (STAROBINSKI, *apud* HOISEL, 2006, p. 26).

De acordo com Hoisel (2006, p. 28), “[...] o escritor se mostra por sua obra e pede assentimento sobre a verdade de sua experiência pessoal”. Neste sentido, as obras de Antônio Ferreira Santos transparecem características de sua vida. Elas deixam perceptíveis algumas marcas do homem que era, dos sonhos, dos sentimentos e aspirações. Na sua escrita deixa entrelaçar as visões construídas sobre o mundo e sobre seu *eu*. A partir de seus textos apreende-se que sua escrita e sua vida se mesclam.

Fazendo jus à memória, o autor revive a vida, não como outrora, não do mesmo modo como a viveu, porém de maneira mais intensa. Nas palavras de Ferreira Santos, “recordar é sentir outra vez. Mas, sentir mais

febrilmente, porque a saudade é maior do que o bem, do que o prazer, do que a alegria de que ella proveio” (*O Conservador*, 1919, p. 1).

Ao narrar os acontecimentos vividos, os ambientes circundantes, Ferreira Santos vai narrando-se a si mesmo, construindo um laço indissociável entre o *eu* que narra e o *eu* que vive. Todavia, isto é realizado sutilmente mesmo com o texto trazendo sua assinatura, o *pacto autobiográfico* de que fala Lejeune (*Apud* HOISEL, 2006, p. 30).

### 3.2. Retalhos da vida de um pessimista<sup>79</sup>

Considerando que “[...] a escritura biográfica independe de um conteúdo prévio, exterior ao texto, que revele a vida de seu produtor [...]” (HOISEL, 2006, p. 13), a leitura de Ferreira Santos convida o leitor a percorrer por caminhos diversos, trilhados pelo escritor ou projetados pela sua imaginação.

A sua vida vai sendo desenhada em seus textos por meio de traços sutis que vão dando forma ao sujeito que escreve e que, ao mesmo tempo, é escrito. Os acontecimentos vividos vão, aos poucos, sendo retratados – não se sabe com que precisão, já que narrar-se, implica em “(re)criar-se”. Acerca disso, vale destacar as considerações de Evelina Hoisel (2006, p. 105) sobre o narrar e o viver:

Entre o viver e o narrar subjaz um conflito e um diálogo. Autobiografar-se, corporificar-se em signo escrito é o dilema maior vivenciado por um eu. Duplo movimento de morte e de vida, pois a vida vivida desloca-se para se tornar vida impressa no corpo da letra [...].

Nesse sentido, Ferreira Santos vai, mesmo que involuntariamente, deixado “rastros” de sua vida na escrita, vai configurando-se num ser que cabe num papel. Por meio da memória, suas lembranças são retomadas, trazendo à tona momentos diversos, desde suas vivências “doces” da infância, até a amargura da dor física ou de momentos de alegria, como num dia de procissão. Especialmente, em seus poemas, há uma presença forte da nostalgia, de uma saudade dos tempos fugidios. Como se fosse impossível ser feliz no presente, como se apenas no passado residisse a felicidade. Da leitura de seu poema *Luar de agosto* depreende-se a inten-

---

<sup>79</sup> *De um pessimista* é o título de um livro publicado por Antônio Ferreira Santos. No texto *Da vida XVII*, publicado no *O Conservador* de 18 de abril de 1920, o autor fala sobre esse livro, que trata a respeito das mulheres, de seus encantos e de suas “armadilhas”.

sa saudade da infância, da inocência encerrada por esse período singelo da vida:

[...]  
Quanta recordação!...  
Quanta lembrança  
Dos meus tempos de antanho,  
D'aquelles tempos em que eu era assim  
Desse tamanho.  
Quando a correr atraz  
Das borboletas multicores  
Áureas azuis de infinitas cores...  
Sorria sempre a um bando de esperança,  
Que são os sonhos das creanças.  
[...]  
Como eu me lembro,  
Daquelle Ceu escampo  
De dezembro  
Quando eu ia ao campo  
– enxada aos ombros pés descalços –  
– Ao vento a cabeleira  
De oiro –  
A buscar, na herva rasteira  
O thesoiro  
Das minhas phantasias de creança!...

(SANTOS, 1915, p. 24-25).

Opondo-se às imagens da infância, da mocidade, aparece sempre a velhice, descrita de tal modo que conduz o leitor a uma vivência antecipada desse tempo que se encontra no porvir. A velhice ganha contornos tristonhos, pois sempre é carregada de saudade dos tempos passados:

Oh! Na calma silente,  
Dolente,  
Desta sereno e remançosa paz,  
Com que saudade nos acode a mente,  
O tempo bom em que se foi rapaz!  
[...]  
Oh! A velhice!...  
A velhice mordaz que não cança  
De matar ilusões e atear desesperança!

(*O Conservador*, 1920, p. 2)

Em muitos outros momentos mostra-se revoltado com pensamentos que o levam distante, que o faz viajar para longe, que o conduz a um encontro consigo mesmo:

Crepusculejáva.

E com o bandear do sol para os refúgios do accaso, eu tive um verdadeiro desmembramento do espirito.

[...] Recostei-me numa *chaise – longue* e envolvido numa nuvem de nostalgia, levei este mesmo espirito que eu julgo (porem não garanto) ser meu para lá das luctas de todos os dias, e o fiz vagar por novas esferas, por sítios diversos.

Adveio-me, então um desejo incontido de ser tudo no mundo [...]. (*O Conservador*, 1919, p. 1).

Do trecho acima se depreende o devaneio do escritor que parte de um observar do fim da tarde a uma introspecção espiritual, reveladora de sua vontade de transformar-se. No mesmo texto pondera: “porque, de verdade, Lucinda, eu hontem, mais não tive do que – um desdobramento doloroso e suave ao mesmo tempo da minha personalidade”.

O amor também é tema frequente em sua escrita, figurando em diferentes matizes. Ora o exalta, ora afirma sê-lo o penar dos homens. No texto *Da vida VI*, explicita o quão difícil é falar sobre o amor:

Lucinda – Mandas pedir-me, na tua ultima carta, uma pagina sobre o Amôr: – Dou-t’á de mim para ti, como pobre e sem valia que sou, do[s] [mai]s desvaliosos dos rabisca[dores] [...]

– de todos os temas apresentados para uma dissertação, certamente, e jamais alguém ousará contestar, aquelle que nos obriga a falar do Amôr é o mais difficil, o mais caprichoso dentre todos os que mais forem caprichosos e difficeis [...]. (*O Conservador*, 1919).

Mesmo afirmando ser difícil falar sobre o amor, o autor o conceitua, buscando defini-lo. A sublimação desse sentimento é defendida pelo escritor em vários textos. E sua elevação é tamanha que a dificuldade em dar-lhe uma definição reside no fato de ele ser tão complexo que não encerra apenas um significado, o que faz com que ele seja definido como tudo de belo e valoroso que exista, inclusive a dor:

Se o amôr é a vida, se o amor é tudo que nos circunda, é a Gloria, é a Dôr, é o Sonho, como pode ser o nada?

[...] O amôr é o desejo de se dar vida, desejo ás vezes insoffrivel como o de uma proméssa que tarda ou como o de um capricho que se esquiva a realisar. (*O Conservador*, 1919).

Starobinski (*apud* HOISEL, 2006, p. 24), ao abordar sobre a *escrita de si* de Rousseau, ressalta que “[...] a vida subjetiva não é oculta ou recolhida na ‘profundez’, mas aflora espontaneamente, porque é demasiadamente forte para ser reprimida”. Assim sendo, a escrita autobiográfica deixa transparecer a alma do autor. Seus sentimentos são escritos, de

modo a mostrar (mesmo que de maneira fragmentada) o que se viveu, o que se sentiu.

Nesta perspectiva, infere-se que a escrita de Ferreira Santos seja permeada pela dor, por ser ela fruto da dor real vivida pelo escritor desde o começo de sua juventude, quando contraíra tuberculose. Não à toa intitulara uma coletânea *Procissão das dores*, na qual trata da dor de ser só, da dor da velhice, da dor da vida. Em alguns momentos faz-se menção à própria enfermidade física:

Luar de agosto...  
A lembrar  
A alma tuberculosa  
Do desgosto  
A chorar  
Um pranto amargo de nervoso,  
Nas orbitas cançadas do luar...

(SANTOS, 1915, P. 23).

Em outros momentos, Ferreira Santos mostra-se como um jovem a par dos acontecimentos políticos de seu tempo. Não tem medo de denunciar na sua escrita os malefícios da sociedade em que viveu, fazendo-o com eloquência – que muito provavelmente adquiriu e aperfeiçoou por conta de sua formação acadêmica em Direito. Apresenta-se como alguém cuja visão frente ao mundo é determinada, bem definida. Não relutava em expor suas ideias e defendia a supremacia do conhecimento em detrimento da força:

Convenham em que mais vale uma ideia triunfante que um combate vitorioso. Aquella, elaborada no silencio do gabinete, amadurecida pelos exemplos que o passado fornece, que o presente amostra e que o futuro deixa antever, pode perigrinar de pais em pais e de cerebro em cerebro, regenerando, modificando, ensinando. O segundo dá simplesmente o exemplo do extermínio, do desbarato. E' o culto da força bruta, que anestesia sentimentos, que aniquila virtudes, que restringe a liberdade. (*O Consevador*, 1917, p. 1).

Em outro momento, o autor denuncia as mudanças de valores pelas quais passava a sociedade, e considera que as mesmas são meras consequências da vida moderna. Contudo, o tom de denúncia pode ser compreendido da leitura do texto *Da vida XI*, no qual o autor se mostra descontente com as mudanças trazidas pelo progresso que destroem os festejos e a tradição junina:

[...] o progresso com tudo isto acabou. A civilização fez eclipsar-se isto tudo. Hoje o S. João que passamos é o mais monótono possível.

Não há mais fogueiras, não há mais serenatas, nem aquella alegria tão comunicativa que reinava em todos, especialmente na véspera de S. João [...]. (*O Conservador*, 1919, p. 1).

O revelar-se inconformado com o rompimento de antigos valores e a imposição de novos pela sociedade moderna se faz perceber em outro trecho da coletânea *Da vida*, de número III. O escritor fala sobre as várias mudanças advindas do meio no qual o sujeito encontra-se inserido, ao mesmo tempo, que aponta a necessidade do indivíduo abrir-se para o novo, abandonando os preceitos conservadores e retidos pelo sujeito ao longo da vida:

Sacrifica-se o sentimento, põe-se de parte o pudor, affasta-se para um lado a vergonha para ler-se a frente do edifício da Vida o fatídico dilema: – *Entra. Mas, antes, deixa ficar com o pó dos teus sapatos, os teus sentimentos, a tua piedade, o teu pudôr, a tua vergonha, porque o caminho aqui a seguir é muito diverso, Com estes predicados serás vencido... e nos queremos vencedôres.* (*O Conservador*, 1918, p. 1)

Assim, a agitação da vida social moderna retira do homem sua essência enquanto ser, impondo-lhe valores “superficiais”.

Neste sentido, o meio é considerado como responsável por conferir ao sujeito sua visão de mundo, seu próprio modo de ser e agir, considerando-o fruto do mesmo. A este respeito, Mandel (2006, p. 169) afirma que

O homem não pode nunca descrever e explicar o mundo de maneira totalmente objetiva, porque ele é sempre o *produto* de uma certa região, de um meio biológico, social e cultural específico, de cuja interpretação ele será o reflexo. O mundo exterior do qual ele toma conhecimento através da imagem visível, chega até ele através das lentes deformadas da cultura.

### 3.2.1. *O sertão*

A presença do cenário sertanejo nos textos de Ferreira Santos é em consequência de ter vivido algum tempo no sertão em busca de uma vida mais tranquila, mais saudável, já que se encontrava tuberculoso. Desse modo, diferente dos textos em que a experiência de vida sertaneja faz aflorar os realtos da vida cotidiana vivenciada, neste autor tem-se apenas relatos dos acontecimentos presenciados ou das paisagens vistas.

Ferreira Santos apresenta as dificuldades próprias de quem vive no meio sertanejo e que no tempo em que lá viveu pôde presenciar, mas, sobretudo, descreve as maravilhas que este meio encerra.



Escrevo-te de longe, de um começo de sertão, de um princípio de caatinga.

Não imaginas o que seja a vida aqui: Dentro do povoado, um pouco monótona, não há dúvida, essencialmente às noutes quando não há luar.

Mas, por fóra, em todo a redondeza, que maravilha de paisagens e que delícia de impressões!

E' um gozo o ver-se a longas boiadas passarem, diante dos nossos olhos admirados [...]

E' um espetáculo que deleita. (*O Conservador*, 1919).

Numa passagem do texto *Da vida XVI*, publicado no *O Conservador* em 08 de dezembro de 1919, descreve a beleza do luar do sertão e o envolvimento da alma com tamanha beleza:

Lucinda: – Bem razão possuía o poeta quando cantou:

Não ha, ó gente, não,

Luar como este do sertão.

Na verdade o luar aqui no sertão é um deslumbramento.

A gente se esquece por inteiro das agitações mundanas, desprende-se, por completo, de tudo o que não seja unicamente, exclusivamente, gozo espiritual [...].

Porque nestes logares, e em noutes destas, a vida é da alma, a vida é do espírito.

As músicas e as serenatas, tão comuns no sertão em noites de luar, não deixaram de figurar em seus textos. O autor descreve com minúcia o desafio de viola empreendido por dois sertanejos (Chico Barbudo e Zé redondo):

Digo-te de um desafio ao luar: – Duas almas sertanejas, cheias de amor e de poesia, desta poesia natural espontânea, dos verdadeiros poetas, que se não figuram antes que nasceram tal, encontrados, de momento, sem concertos prévios, nas liças da tyranna.

[...] A viola repinicava, com ardência... (*O Conservador*, 1920, p. 2).

O autor vai tecendo a imagem do sertão como observador dos acontecimentos. A sua vivência é a de quem sente, mas não faz parte da ação que narra, apenas a observou. Ao relatar as experiências do vaqueiro – figura recorrente e de grande significância no cenário sertanejo – o narrador descreve os fatos presenciados.

É um gozo o ver-se a longas boiadas passarem, diante dos nossos olhos admirados, quasi que intermináveis, num desfile moroso de animaes resignados, passos tardes, á todoada do *guieiro*.

De longe, o vaqueiro, mettido num *roupão* de couro de veado, chapéu de largas abas, do mesmo *feito* engalanado de furos e botões brancos, grandes alpercatas, espóras atadas aos tomozelos nús, que nos avisa:

– *Deixa passá o rasto do bicho, que o bicho dá.* (*O Conservador*, 1920, p. 1).

Percebe-se que ele se identifica com esse meio em que se encontra, sente-se feliz em estar aí. Fato que se constata, sobretudo, pelo seu deslumbramento com todas as coisas do sertão.

Destaque-se, mais uma vez, que Ferreira Santos não vivia no sertão, mas em Nazaré – pequena cidade situada no recôncavo baiano. A cidade é citada em seus textos, e é possível identificar alusões explícitas e implícitas sobre a mesma. A título de exemplo cita-se aqui uma estrofe do poema *O comboio*, que faz menção ao transporte locomotivo da cidade:

És sempre assim, todos os dias, quando,  
Um apito, fumo, ao Ceu sem nuvens lanças...  
E aqui – milhões de dôres vaes deixando,  
E alli – deixando vaes mil esperanças.

(SANTOS, 1915, p. 128).

Considerando que a estrada de ferro de Nazaré era uma das grandes fontes geradoras de emprego para a cidade e que este era o meio de transporte mais rápido e viável para longas distâncias, parece que a situação descrita pelo autor era frequente.

#### 4. *Considerações finais*

Pode-se afirmar que através dos exemplos aqui apresentados é possível ter uma breve percepção do caráter autobiográfico das obras de Antônio Ferreira Santos. O mesmo mostra-se por meio de sua escrita e “convida” o leitor a sentir a veracidade de seus relatos.

O ato de contar-se não é uma tarefa simples, embora possa ser feita não intencionalmente. A vida não pode ser escrita tal como ela é, mas o escritor, por meio dos recursos da linguagem, lança-se nesse projeto. Hoisel (2006, p. 750), ao enfatizar sobre a escrita biográfica na concepção de Guimarães Rosa, afirma que “vida e grafia interpenetram-se, pois,

o que é o corpo, senão um signo a povoar a escritura do mundo, conduzindo a vida, como o signo verbal é um corpo habitando o livro, compondo uma escritura, reescrevendo a vida?”.

Saber que Ferreira Santos teve uma vida literária significativa para a Nazaré de seu tempo é o primeiro passo no sentido de recolher suas obras dispersas em periódicos e reuni-las, possibilitando o acesso às mesmas pelo público leitor contemporâneo, contribuindo assim para o preenchimento de uma lacuna na historiografia literária.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Trad.: José Paulo Paes. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 1973.

HOISEL, Evelina. *Grande sertão: veredas* – uma escritura biográfica. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia; Academia de Letras da Bahia, 2006.

MANDEL, Ladislav. *Escritas, espelho dos homens e das sociedades*. Trad.: Constância Egrejas. São Paulo: Rosari, 2006.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Ars Poetica/Edusp, 1994.

TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis. Filologia textual e literatura. *Cadernos do CNLF*, n. 10. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2005.

\_\_\_\_\_. A filologia textual: o revelar de aspectos da história. *Cadernos do CNLF*, n. 12. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2008.